



## Apresentação

# Teoria(s) *queer*/ transviadas: gênero, sexualidade e política

As teorias queer emergiram no âmbito acadêmico como proposta crítica para repensar as noções de gênero e sexualidade. Desde reflexões relevantes que partiram de uma base construtivista, considerando a obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (2016)<sup>1</sup>, passando pela crítica ao conceito de sistema sexo/gênero, conforme a leitura de Gayle Rubin (2018)<sup>2</sup>, pela proposta de leitura do gênero como categoria de análise, de Joan Scott (1990)<sup>3</sup> e pela abordagem de Teresa de Lauretis (1994)<sup>4</sup> sobre as tecnologias de gênero - ao se referir às bases técnicas socialmente e prematuramente impostas às pessoas sobre o que é “ser homem” ou “ser mulher” -, categorias como a de identidade de gênero tornaram-se pertinentes para pensar o próprio campo das sexualidades.

Se, em dado momento, a categoria sexo passa a ser alvo da crítica dos estudos acadêmicos, em múltiplos campos do conhecimento, a categoria gênero emergiria, no âmbito dos movimentos feministas, gays e lésbicos, como

---

<sup>1</sup> Original: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

<sup>2</sup> Original: *The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex*. Publicado em Rayna Reiter (org.), *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly View Press, 1975, pp. 157-210.

<sup>3</sup> Original: *A Useful Category of Historical Analysis*. *The American Historical Review*, Vol. 91, No. 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

<sup>4</sup> Original: *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction*. Indiana University Press, 1987.

possibilidade de reflexão sobre a(s) identidade(s). Emerge, portanto, como projeto teórico (e político) de desnaturalização da identidade, da sexualidade e do desejo. Judith Butler, em sua obra seminal *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*, de 1990, segundo o que escreve Joel Birman na orelha do livro em sua edição brasileira (2003), coloca “a identidade na berlinda”. Dessa maneira, Butler contribuiu com uma leitura original e, o mais importante, crítica e complexificadora da categoria “identidade de gênero”. Tudo isso a partir das contribuições de teorias psicanalíticas, feministas e pós-estruturalistas, além dos próprios movimentos políticos feministas, gays e lésbicos.

Sara Salih (2012), ao analisar a obra de Butler, comenta que ela “tem se preocupado, em grande parte, com a análise e a consequente desestabilização da categoria “o sujeito” (um processo que ela chama de “uma genealogia crítica das ontologias de gênero”), o que faz com que ela seja vista por muitos como a teórica *queer* por excelência” (2012, p. 19). Conforme destaca Guacira Lopes Louro, “para alguns, Butler é, efetivamente, “*the queer queen*”. Via *Gender Trouble*, na qual levantou uma série de questões provocadoras, sobre o sujeito, o gênero, a sexualidade, a linguagem, a psiquê, Butler tornou-se autora chave para a emergência e circulação da teoria *queer*, mobilizando um séquito de intelectuais que passou a empregar o termo *queer* como sinalizador dos limites da identidade e como marcador de suas subversões.

Em um artigo publicado no site Diálogos do Sul, a transfeminista Helena Vieira (2015), discorre didaticamente sobre a Teoria Queer, advertindo para a importância de se

“notar que a Teoria *Queer* não propõe um modelo “*queer*” de mundo. O *queer* é justamente o estranho. É aquele que se narra ou é narrado fora das normas. A Teoria *Queer* propõe o questionamento às epistemes (pressupostos de saber), ao que entendemos como verdade, às noções de uma essência do masculino, de uma essência do feminino, de uma essência do desejo. Para a Teoria *Queer* é

preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que não se tratam, de forma alguma de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos” (VIEIRA, 2015, s/p.).

Considerando a emergência da Teoria *Queer* no Brasil, Vieira (2015) comenta sobre a ininteligibilidade do termo em nosso contexto específico, tendo em vista o fato de ser pouco comum do ponto de vista das pessoas que escapam aos padrões normativos da cisheterossexualidade compulsória se autodenominarem como *queers*. Escreve Vieira (2015): “Aqui não há o *queer*, mas há “o traveco”. Não há o *queer*, mas há “o viadinho”. Não falam *queer*, mas falam “a sapatona”. Vieira cita, portanto, a transfeminista Daniela Andrade, que ressalta que termos como “transviada ou transviado”, aventados como uma possível tradução do termo *queer*, não são suficientes para englobar pessoas trans, considerando que podem induzir a “uma mistura, até conceitual de identidade de gênero e sexualidade”, algo que se contrapõe à própria luta de pessoas trans, em geral, no posicionamento pela distinção de ambas as categorias.

O pensamento *queer*, do ponto de vista teórico e de suas práticas político-performativas, dada a sua relevância provocativa às supostas certezas que se sedimentaram ou às visões acrílicas por meio dos “usos e abusos” do gênero como categoria de análise, tornou-se o centro da atenção do dossiê temático: Teoria(s) *queer*/ transviadas: gênero, sexualidade e política, na presente edição do Caderno Espaço Feminino. Conforme destacamos na chamada para publicações no dossiê, em atenção às novas temáticas e perspectivas teóricas apresentadas no campo dos estudos de gênero e sexualidades, a revista Caderno Espaço Feminino, que atingiu 30 anos de existência, em 2022, vem ampliando seu escopo e abrindo espaço para tais reflexões. Ao longo de suas edições, o periódico havia lançado dois artigos sob a perspectiva *queer*: *La Teoria Queer: la de-construcción de las*

*sexualidades periféricas*, de autoria de Carlos Fonseca Hernández, da Universidad Nacional Autónoma de México, na edição de 2008 (vol. 20, n. 2) e o artigo *Educação e teoria queer: contestando os efeitos naturalizados do instituído*, de autoria de Dilton Ribeiro Couto Junior, no dossiê Gênero e Políticas Educacionais no Brasil (v. 28 n. 1 (2015)).

O dossiê que trazemos a lume visou reunir publicações resultantes de pesquisas teóricas e/ou empíricas que objetivam reflexões sobre os campos de construção dos saberes e poderes acerca dos (trans)gêneros e das (trans)sexualidades e dialoguem com as perspectivas teóricas dos estudos queer, em suas mais diversas abordagens, considerando os estudos dos corpos trans e travestis, das masculinidades e das críticas às identidades. Reunimos artigos, ensaios e relatos que trazem reflexões e pesquisas teóricas e/ou empíricas que abordam, de formas diversas, os campos de construção dos saberes e poderes acerca dos (trans)gêneros e das (trans)sexualidades, e que estabelecem diálogos com os estudos queer em suas mais diversas abordagens.

Os textos trazem análises críticas acerca da constituição de espaços, discursos, linguagens e do aparato constituinte das tecnologias sociais de gênero cisheteronormativas - que engendram as performatividades de gênero e normatizam as sexualidades -, mas também aqueles que dizem respeito aos campos de ação das práticas contrassexuais e contra-hegemônicas, que apontam para outras dinâmicas de ser e estar no mundo, marcam as rupturas e as subversões, e que identificam as práticas de insurgências micropolíticas de dissidentes de gênero.

Os artigos foram divididos em quatro blocos, que congregam diferentes abordagens e reflexões sobre uma mesma problemática/temática. O primeiro deles, intitulado **Teorias: ressignificando o conceito** queer apresenta reflexões que buscam não só ressignificar o conceito mas sobretudo, pensar seus usos fora do eixo Europa-EUA. propõe trazer discussões referentes aos estudos *queer* e sobretudo, atualizar o debate a

partir das abordagens epistêmicas do sul Global, como é o caso do artigo escrito pela filósofa transfeminista mexicana, Sayak Valencia, intitulado **Do queer ao cuir: Geopolítica do Estranhamento Epistêmica do sul Glocal**, publicado originalmente como um capítulo de livro na compilação *Queer y cuir: políticas de lo irreal* (Editorial Fontamara, 2015), organizada por Fernando Lanuza e Raúl Carrasco, e traduzido por Fabrício Marçal Vilela, especialmente para compor este dossiê. Em seguida, temos o artigo de Felipe Rivas San Martín, artista visual, ensaísta e ativista sexual chileno, **Diga “queer” con la lengua afuera: sobre las confusiones del debate latinoamericano**, que problematiza a transferência e o uso do termo "*queer*" anglo-saxão, para os contextos latino-americano e espanhol, distinguindo três aspectos de significação do termo, na América Latina. Na sequência, temos o artigo **Queer en llamas**, de Francisco Hernández Galván, que traz uma reflexão crítica sobre a produção e a complexidade conceitual do termo *queer*, problematizando sua potência política e interrogando sobre sua caracterização como uma teoria anormal.

O segundo bloco temático, **Estudos Trans: abordagens inter(seccionais)**, apresenta um conjunto de artigos que traz à tona discussões acerca dos enfrentamentos que as pessoas trans e travestis travam na contemporaneidade, seus processos de subjetivação e as violências que atravessam seus corpos. Importa assinalar que esses artigos têm como preocupação uma abordagem interseccional da crítica de gênero, raça e classe social, e falam sobre e a partir de diferentes espaços, como as mídias sociais, no caso do artigo **Transmasculinidade, raça e classe - a cilada das redes sociais digitais**, escrito por Igor Veloso Ribeiro, Luciane Tavares e Márcio Caetano, que trata dos paradoxos enfrentados pela transmasculinidade preta, pobre e periférica nas espacialidades virtuais. Na sequência, temos o artigo intitulado **Trilhas para a Intersexofobia**, de Amiel Modesto Vieira, transmasculine, intersexo, mestre em Ciências Sociais e Doutorando em Bioética, Ética Aplicada e

Saúde Coletiva. Sua escrita etnográfica nos apresenta o caminho no qual a intersexofobia se manifesta, destacando a intrincada relação entre as teorias de gênero, a educação - entendida como dispositivo - e a conformação da sexualidade.

O próximo artigo, escrito por Luiz Morando - doutor, escritor e pesquisador sobre memórias LGBTQIA+ - intitulado **O controle moral no discurso da imprensa e da polícia belo-horizontinas: breve relato sobre as trabalhadoras do sexo cisgêneras e Cintura Fina (1950-1960)**, discute como o controle moral, manifesto pelos discursos políticos e pela imprensa de Belo Horizonte, nas décadas de 1950-1960, atuou sobre as trabalhadoras do sexo cisgêneras e transgêneras.

A seguir, o texto de Megg Rayara Gomes de Oliveira - travesti negra, mestra e doutora em educação - intitulado **A Cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais**, analisa o silêncio como estratégia ideológica presente nos espaços de educação formal, que visa negar a existência plena de travestis e mulheres transexuais, negras e brancas, no espaço acadêmico. Em **Professora-travesti-metamórfica: o corpo enquanto espaço, atmosfera e tempo**, artigo de Euclides Afonso Cabral e Sayonara Naidier Bonfim Nogueira - Presidenta do Conselho Popular LGBTQIA+ de Uberlândia, do Instituto Brasileiro Trans de Educação e Secretária de Comunicação da Rede Trans Brasil - a discussão versa em torno do corpo, do gênero e da sexualidade no domínio da Geografia. Aqui, o corpo travesti é considerado em meio a busca por uma nova forma de produzir conhecimento e demandas educacionais, de forma a promover sua visibilidade nas paisagens, territórios e lugares sociais.

O terceiro bloco, intitulado **(Des)Identidades: (Re)pensando categorias analíticas** traz artigos que tratam das disputas em torno das noções de identidade, corporalidade e (homo)nacionalismo, no campo da

teoria feminista, dos estudos de gênero e *queer*. O primeiro artigo, **Lesbiandade, Identidade e Teoria queer**, de Júlia Moita e Martina Ahlert, parte da chamada segunda onda do feminismo para trilhar um caminho pleno de tensões e propostas de rupturas colocadas pela teoria lésbica e *queer*. Em seguida o dossiê traz o texto de Rodrigo de Oliveira Feitosa Vaz, **Pelas terras de cabra macho, quando viados saltam, algo desmorona: por uma clínica sertaneja**, que narra, em primeira pessoa, os enfrentamentos que ele travou, com seu corpo dissidente, quando retornou ao sertão paraibano. Seguindo, temos a tradução do texto de Jasbir Puar - teórica *queer* e professora do Departamento de mulheres e estudos de gênero da Universidade Rutgers - intitulado **Repensando o homonacionalismo**. Publicado originalmente na revista *International Journal of Middle East Studies*<sup>5</sup>, o artigo apresenta uma discussão sobre o homonacionalismo em relação ao *pinkwashing*<sup>6</sup> e à Palestina, analisando as condições globais que tornam possível e legível a prática do *pinkwashing* israelense, e repensando a relação entre homonacionalismo e identidade.

O quarto bloco temático, **Produção Cultural Queer: dissonâncias e dissidências na música e na literatura** apresenta um conjunto de artigos que discutem algumas manifestações *queer*, nos campos da música e da literatura. O texto **O álbum "Agropoc" no país do agro pop: representatividade queer na música sertaneja**, de Mariana Oliveira Arantes e Lorenzo dos Santos Konageski, trata, a partir de teorias pós-identitárias, da importância do álbum "Agropoc" e seu papel de resistência num cenário de valores heteronormativos, presentes na música sertaneja nacional. Em seguida, o artigo, **Estereótipos e binarismos na**

---

<sup>5</sup> PUAR, Jasbir K. *International Journal of Middle East Studies*, Cambridge, n. 45, p. 336-339, 2013.

<sup>6</sup> *Pinkwashing*, termo inglês que pode ser traduzido como "lavagem rosa", é usado para se referir, no contexto dos direitos LGBTQIA+, à variedade de estratégias políticas e de marketing dirigidas à promoção de instituições, países, pessoas, produtos ou empresas, que apoiam causas ligadas aos direitos da comunidade, a fim de construir uma imagem de simpatizante de suas causas.

**representação do negro homossexual**, de Marcus Rodolfo Bringel de Oliveira, apresenta uma análise do conto "O estivador", de Harry Laus, a partir da figuração de estereótipos sobre a sexualidade da etnia negra, tendo em vista a origem escravocrata e homofóbica de tais perspectivas.

O artigo **Masculinidades em Atração, de Octavio Faria**, de Fábio Figueiredo Camargo e Antonio Carlos Pinto da Fonseca Júnior, traz a análise do romance *Atração*, de Octavio de Faria, a partir das relações sociais entre o protagonista e outros homens, de modo a evidenciar o processo através do qual a masculinidade hegemônica molda as relações entre os homens e impossibilita sua aceitação como homossexual. Em seguida, temos o texto intitulado **Desobediências de gênero e pensamentos-cupim a partir das músicas de Linn da Quebrada, Alice Guél e Ventura Profana**, de Maria Lúcia Vannuchi e Hígor Kleizer, que trata de analisar como as músicas de Linn da Quebrada, Alice Guél e Ventura Profana podem funcionar como desobediências de gênero, com potencialidades de atuarem como contradiscursos frente ao regime sexo-gênero-desejo.

O Dossiê ainda conta com a resenha, escrita por Bryan Atx, do último livro de Paul B. Preciado - filósofo e escritor feminista transgênero e um dos principais pensadores contemporâneos das novas políticas do corpo, gênero e sexualidade -, o *Dysphoria mundi. El sonido del mundo derrumbándose*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2022. Situado entre a Filosofia e a Literatura, o livro opera deslocamentos de narrativa, intercalando capítulos teóricos, relatos bio-bibliográficos e poemas.

Para finalizar, o Dossiê traz a entrevista com a travesti professora Sara Wagner York, feita por Fabrício Marçal Vilela e intitulada **Uma travesti da/na educação**. Pai e avó, Sara é Doutoranda em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - (GESDI/FFP/UERJ), Mestra em Educação (GENI/ProPEd /



UERJ - com bolsa CNPq), especialista em Gênero e Sexualidades (CLAM / Instituto de Medicina Social - UERJ) e em Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar. Recebeu a Medalha ALUMNI da Universidade Estácio de Sá (2017) pela luta na implantação do nome social nas plataformas educacionais da instituição, e por atuar junto à comunidade carioca pela trans-inclusão.

Desejamos a todos, todas e todes, uma boa leitura!

Carla Miucci Ferraresi de Barros (INHIS/PPGHI/UFU)

Daniel Henrique de Oliveira Silva (PROPED/UERJ)

Fabício Marçal Vilela (Mestre em História Social pelo PPGHI/UFU)

Márcio Ferreira de Souza (INCIS/UFU)

Organizadores

## Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo* (2 volumes). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: *Políticas do sexo*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo : Ubu Editora, 2017.

LAURETIS, Teresa De. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria *queer*. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, Joan. *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. *The American Historical Review*, Vol. 91, No. 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

VIEIRA, Helena. Afinal, o que é a Teoria Queer? O que fala Judith Butler? Ópera Mundi. Diálogos do Sul. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>. Acesso em: 02 de maio de 2023.